

O inconsciente que fala e o inconsciente do qual falamos

Dominique Scarfone*

Em 1923-1924, em *O ego e o id* –seu último grande texto metapsicológico–, Freud (1923/1991) volta a questionar o sentido sistêmico que havia dado ao termo *inconsciente*. Desde o momento em que uma grande parte do ego deve ser considerada inconsciente, a oposição *consciente/inconsciente* já não lhe parece tão útil. O sentido qualificativo da palavra *inconsciente* retoma a vantagem, e Freud se sente obrigado a “admitir que a característica de ser inconsciente começa a perder significação para nós. Torna-se uma qualidade que pode ter muitos significados”¹ (p. 263).

De todos os modos, não pode evitar notar que “a propriedade de ser consciente ou não constitui, em última análise, o nosso único farol na treva da psicologia profunda”² (p. 263). Como resolver esse aparente dilema?

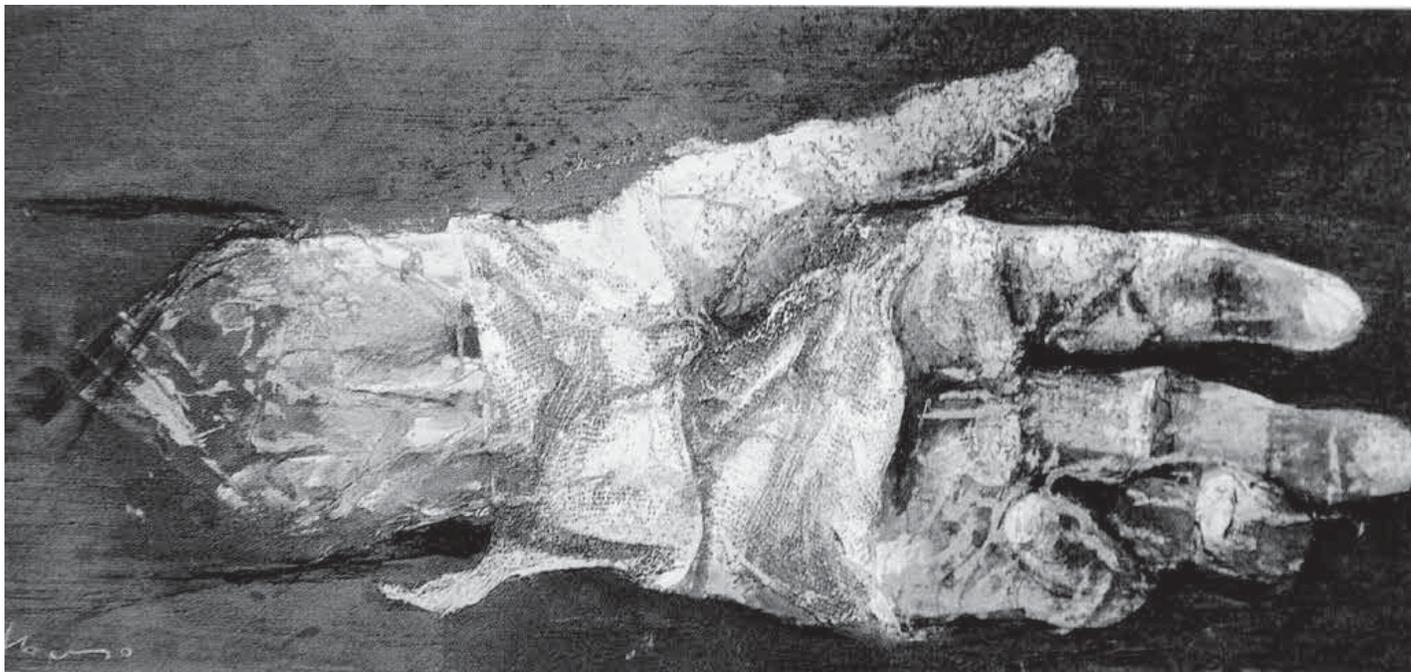
A via que Freud toma imediatamente, no mesmo texto, é a de se interessar não tanto pelo *estado* consciente ou inconsciente, mas sim pelo *tornar-se consciente*, ou seja, pelo *movimento* entre *ics* e *cs*. Esse tornar-se consciente exige, escreve, faz com que os conteúdos inconscientes transitem pelos canais da percepção do mundo exterior, e é isso o que permite a palavra em análise. Creio que assim abre, implicitamente, o caminho para uma *definição operacional* do inconsciente em sua diferença com o pré-consciente-consciente.

O inconsciente se distingue, daí por diante, pela ausência das *qualidades* próprias da consciência. É necessário, então, perguntar-se o que essas qualidades permitem (ou o que sua ausência impede). Assim apresentado, o ser consciente ou inconsciente não é mais uma questão de presença ou ausência no campo perceptivo, senão que remete a uma *função* que o aparelho psíquico cumpre através do tornar-se consciente. De fato, se o tornar-se consciente exige passar pela percepção, ela não é um fim em si mesmo: faz com que seja possível um certo *uso* do que até então era inacessível, faz com que isso esteja ao “alcance”. Tornar possível um certo uso é dar um sentido,

* Médico. Professor da Universidade de Montreal. Analista de formação no Instituto Psicanalítico de Montreal.

1. N.T.: Tradução de Abreu, J.O.A.; Freud, S. (2006). *O ego e o id e outros trabalhos*. In J. O. A. Abreu (Trad.), *Ed. standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 19, p. 12). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).

2. *Ibidem*.



se –como escreve Wittgenstein (1953)– o sentido é o uso (proposição 43). Diremos que é consciente aquilo que possui certas qualidades que permitem dar um sentido ou um uso, real ou potencial.

Mas qual sentido? E um sentido dado a quê?

Proponho diferenciar entre um inconsciente *não estruturado*, que se apresenta como *pergunta*, como problema ou enigma, e um inconsciente *estruturado*, constituído por um conjunto de *respostas* construídas ao longo do tempo, mas que atuam a partir daí, apesar do próprio sujeito, organizando sua vida fantasmática.

O inconsciente como pergunta, não estruturado, é a *Coisa* inconsciente, esse enigma que persiste no encontro com o outro humano, e que Freud (1950 [1895]/2006c) destaca no *projeto* de 1895. A respeito dessa *Coisa* (*Ding*), sobre a qual Lacan (1984) chamou a atenção, destacaria que é, por definição, não simbolizada, não está inserida em uma estrutura, salvo como hiância [*béance*], buraco

negro no centro da galáxia psíquica. O inconsciente-pergunta é o reprimido originário, resto enigmático da mensagem que vem do outro e está contaminado pelo *Sexual* (Laplanche, 2006), reprimido porque é resistente à tradução (Freud, 1950[1896]/2006b). O inconsciente-pergunta é, pois, por essência, sexual. Consequentemente, falar de um inconsciente “estruturado” (como uma linguagem ou de outro modo) é fazer referência não a essa *Coisa*, mas sim a um inconsciente em que se encontram *formações* organizadas em estruturas que “vestem” a *Coisa* sexual³. As formações desse inconsciente-resposta são resultado das tentativas de resolver o enigma do outro (por exemplo, as teorias sexuais infantis), respostas formuladas com os instrumentos mito-simbólicos que a cultura oferece ou impõe, que entram através da subcultura familiar (Castoriadis-Aulagnier, 1975).

A face do inconsciente que se encontra na análise são as estruturas resultantes dos efeitos

3. Desenvolvi a noção de vestimenta [*habillage*] em “L’impasse, actualité de l’inconscient” (2014). Extraí essa noção de *Fragment d’une analyse d’hystérie* (Freud, 1905/2006a, p. 262).

combinados da Coisa inconsciente e das formas propostas pela cultura. Essas articulações inconscientes são reconhecidas pelos efeitos perturbadores da Coisa (sonhos, lapsos, atos falhos etc.). Não são uma manifestação direta da Coisa, mas sim os índices da sua “força de atração” (Pontalis, 1990), que desvia o curso “normal” dos processos psíquicos. Esse curso “normal” não pode, evidentemente, ser encontrado em nenhum lugar, já que *todo* humano é habitado pela Coisa inconsciente, qualquer que seja seu funcionamento psíquico. Não há normalidade mais do que como assíntota ou como linha média ideal (até ideológica); cada cultura desenvolve uma própria.

As formações psíquicas inconscientes produzidas como resposta ou vestimenta estão sempre já deformadas, perturbadas pela Coisa: sintomas, com seus fantasmas subjacentes; identificações; delírios etc. Estritamente falando, esse “inconsciente estruturado” pertence, de acordo com a tópica, ao pré-consciente, e ele pode estar polarizado de forma acentuada pela atração da Coisa, ao ponto de se apresentar como totalmente estrangeiro, “em forma de id”.

A análise, a desconstrução, a *destruição* dessas formações deixará aparecer, eventualmente, a alteridade radical, o *Unheimlich*, efeito mais evidente da *Coisa* quando a vestimenta pré-consciente falha. Isso produz momentos de dessimbolização, de desidentificação, inclusive de despersonalização, no decorrer da análise. Frente ao indizível da Coisa, a *transferência* assume o comando. Transferência “em pleno” ou “em oco” (Laplanche, 1991/1997), essas novas experiências de exposição ao enigma do outro – agora encarnado pelo analista– permitirão, no âmbito da análise, novas traduções e simbolizações. Essas serão a face estruturante (o *ics-resposta*) de novas repressões, já que toda tradução é ao mesmo tempo repressora, e a Coisa (o *ics-pergunta*) persiste, jamais traduzida ou simbolizada.

Há, pois, um inconsciente *que fala*, que faz tentativas de resposta a um inconsciente *do qual falamos*, que é um pergunta feita infinitamente.

Referências

- Castoriadis-Aulagnier, P. (1975). *La violence de l'interprétation*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Freud, S. (1991). Le moi et le ça. In S. Freud, *Œuvres complètes* (vol. 16, pp. 255-302). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2006a). Fragment d'une analyse d'hystérie. In S. Freud, *Œuvres complètes* (vol. 6, pp. 183-301). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2006b). Lettre de Freud à Fliess du 6 décembre 1896. In S. Freud, *Lettres à Wilhelm Fliess*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1950 [1896]).
- Freud, S. (2006c). Projet d'une psychologie. In S. Freud, *Lettres à Wilhelm Fliess*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1950 [1895]).
- Lacan, J. (1984). *Le Séminaire, livre 7: L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- Laplanche, J. (1997). Du transfert: sa provocation par l'analyste. In J. Laplanche, *Le Primat de l'autre en psychanalyse* (pp. 417-437). Paris: Flammarion. (Trabalho original publicado em 1991).
- Laplanche, J. (2006). *Sexual. La sexualité élargie au sens freudien*. Paris: PUF.
- Pontalis, J.-B. (1990). *La force d'attraction*. Paris: Seuil.
- Wittgenstein, L. (1953). *Philosophical investigations*. Oxford: Blackwell.
- Scarfone, D. (2014). L'impassé, actualité de l'inconscient. In *Revue française de psychanalyse*, 78(5), 1357-1428.